



Eli da Veiga: todo problema ambiental que exige novas tecnologias abre novos mercados

# Uma nova visão do PIB

Quando a economia se aquece, os investidores se alegram – mas talvez eles estejam celebrando pelos motivos errados, alerta o economista José Eli da Veiga

● Por Luís Eduardo Leal ● Fotos: Júlio Vilela/AE

**E**conomistas costumam discutir incansavelmente as taxas de crescimento do Produto Interno Bruto (PIB), o índice que afere a expansão (ou retração) de consumo familiar, gastos públicos, investimentos privados e produção de bens e serviços em determinado país. Embora seja uma medida importante, o cálculo feito atualmente deixa de computar a dilapidação dos recursos naturais e os efeitos adversos do desenvolvimento. Poluição, aquecimento global e escassez de recursos naturais levaram a humanidade a um raro momento de reflexão. Para o professor José Eli da Veiga, da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo (USP), é preciso buscar novos critérios de medição da riqueza, que levem em conta uma forma mais completa de desenvolvimento, e não apenas o crescimento econômico. Todo investidor precisa pensar no assunto – o debate influenciará o futuro de todo tipo de empresa, de bancos a produtoras de biocombustíveis.

Há uma corrente de pensamento que avalia que a grande discussão para o futuro da humanidade será administrar o decréscimo de produto, e não mais a busca do crescimento sem limites. Por outro lado, o grande dinamismo global é o capital financeiro. Empresas de capital aberto são acompanhadas por investidores atentos ao máximo retorno. É possível conciliar o interesse social com o lucro individual?

No longo prazo, é muito claro perceber que será impossível a humanidade continuar ancorada no crescimento econômico como na nossa época. Ao mesmo tempo, é fácil perceber que bem poucos países estariam hoje em condições de abrir mão disso. Mesmo nesses poucos, dada a inércia de dois séculos de crescimento industrial, existe aquilo que muitos apelidaram de mania do crescimento. Na maior parte dos países, o desenvolvimento ainda depende muito do crescimento



Biodiesel: dificuldades tecnológicas foram subestimadas

Eduardo Nicolau/AE

econômico. Outra questão é conciliar a busca do lucro com a conservação dos ecossistemas. Em algumas áreas, há muitos conflitos, em outras, menos. Há mesmo o inverso: em algumas áreas, para haver crescimento, é bom que as pessoas comecem a dar importância à questão ambiental. Toda vez que um problema ambiental significa novas tecnologias, abre novos mercados – não há contradição com o crescimento econômico. Infelizmente, nem todos os problemas ambientais são assim. Há casos em que são irreversíveis, como no aquecimento global, o maior de todos.

**O presidente Lula tem buscado projetar o Brasil como uma alternativa de suprimento de energia mais limpa, com o etanol...**

O etanol não substitui, ele é misturado [ao petróleo]. Continuaríamos com os mesmos motores. Precisamos de outros motores, novas fontes – pode ser o hidrogênio, a célula de combustível. Há ainda dificuldades técnicas que talvez possam ser resolvidas nos próximos 20 anos. É possível que tenhamos um carro

que funcione como veículo de dia e como gerador de energia à noite. Hoje, tudo isso parece futurologia. Mas um pacote de inovações tecnológicas surgirá durante o século, e poderá colocar fim à era do petróleo. Precisamos passar por uma “descarbonização”. Nessa fase de transição, o etanol e o biodiesel terão um papel importantíssimo. São três décadas que o Brasil terá que aproveitar ao máximo. Hoje temos uma vantagem comparativa muito séria. Como tudo indica a possibilidade do etanol de celulose, essa vantagem pode diminuir bas-

tante. Para nós, também será bom porque aumentará a produtividade, com o aproveitamento de quase 100% da cana – hoje só se utiliza um terço. Pode dobrar a produtividade do etanol por hectare. Só que, ao mesmo tempo, haverá uma gama muito grande de matéria-prima, que hoje não existe.

**Gestores estrangeiros se interessaram em investir no etanol brasileiro...**

Houve uma grande febre e agora há um momento de acomodação. Esse pessoal das finanças demorou certo tempo para perceber a importância da questão do etanol. Aí eles vieram todos ao mesmo tempo e, agora, tenho a impressão de que há uma briga de foice no escuro. As informações são complicadas: as empresas, nessa área, fazem questão de não informar. No caso do biodiesel, nem se fala: é impossível entender o que está acontecendo. Há desinformação deliberada. Os empresários morrem de medo de dar alguma informação porque acham que vai parar no concorrente. Falou-se tanto no biodiesel, mas as coisas não estão saindo conforme o planejado. As dificuldades tecnológicas foram subestimadas, estão produzindo um



Cálculo do PIB ignora esgotamento de recursos naturais

Dida Sampaio/AE

biodiesel de péssima qualidade.

**China e Índia, com crescimento exuberante, estão no foco das atenções. O senhor afirma que o Brasil, com crescimento frustrante em relação à média mundial, tem melhorado seus indicadores sociais de forma mais significativa do que China e Índia. O senhor avalia que períodos dinâmicos de nosso passado, como o Milagre Econômico, não são lembrados pelo impacto ambiental e custo social de suas políticas, apenas pelo crescimento. O Brasil está em linha com o novo paradigma?**

Eu tenho certeza que sim. Quem fica fissurado apenas na taxa de crescimento acaba dizendo que uma geração não conheceu o crescimento – o que me faz rir. Quando se olha a evolução das taxas de crescimento no Brasil, fica muito claro. Há um divisor que é o ano de 1980. Nos 25 anos anteriores a 1980, o Brasil teve crescimento do tipo chinês. E de 80 para cá, medíocre, menos até do que o México. No entanto, se fizermos uma avaliação por aquilo que interessa ao desenvolvimento – redução da pobreza, acesso à escola, saúde, maior expectativa de vida –, o avanço de 1980 para cá foi muito maior do que nos 25 anos anteriores. O estilo de crescimento que houve no tal “período chinês” provocou um êxodo rural absurdo antes que o país tivesse condições de absorvê-lo, criando problemas insolúveis nas metrópoles.

**O senhor considera que a expansão do PIB não é um mecanismo eficaz de acompanhamento do crescimento. Qual seria a alternativa para medir a evolução da riqueza?**

O PIB foi criado depois da Segunda Guerra Mundial, com uma visão que ficou completamente ultrapas-



**“ Nessa fase de transição, etanol e biodiesel terão papel importantíssimo. São três décadas que o Brasil terá de aproveitar ao máximo ”**

sada. O PIB não é afetado quando alguma coisa do patrimônio natural é esgotada. Por exemplo: numa mina, quando se retira [minério], você está produzindo riqueza, mas não considera o patrimônio que se dilapida. A Indonésia tinha um PIB que crescia a taxas chinesas enquanto esgotava suas florestas. Só conta no PIB o que é comercializado no mercado. Então há uma discussão internacional ampla sobre

os critérios das contas nacionais, padronizadas pela ONU. O Banco Mundial produziu no ano passado um relatório em que sugere a substituição do PIB por uma medida de “poupança genuína”, um cálculo que propõe que os investimentos em educação devem ser entendidos como aumento do capital humano e em que se abate da riqueza todas as dilapidações do patrimônio natural. É um cálculo complicado que ainda está longe de ser convincente.

### BIOgrafia

Professor titular da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo (FEA-USP), **José Eli da Veiga**, 59 anos, estuda o desenvolvimento sustentável há mais de três décadas. Doutor em Desenvolvimento Econômico e Social pela Universidade de Paris-Sorbonne, é autor de 12 livros sobre ecologia e desenvolvimento. Especializou-se também em questões agrárias e foi superintendente regional do Inbra em São Paulo (1985-1986).

**Como o senhor avalia a inserção socioambiental das empresas no Brasil?**

No setor financeiro, particularmente, alguns bancos tiveram avanço muito grande. Bradesco, Itaú e ABN Amro Real estão investindo seriamente. Estive em sessões desses bancos em que chamam fornecedores, há quase uma doutrinação. Pressionam também as empresas que buscam crédito, e há vários casos em que o papel dos bancos não foi secundário nessa questão. ●